

O CONCEITO DE EDUCOMUNICAÇÃO NA PERSPECTIVA DE UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA

THE CONCEPT OF EDUCOMMUNICATION FROM THE PERSPECTIVE OF AN EMANCIPATORY EDUCATION

EL CONCEPTO DE EDUCOMUNICACIÓN EN LA PERSPECTIVA DE UNA EDUCACIÓN EMANCIPADORA

Isabel de Lavôr¹

Resumo

Atualmente, a tecnologia exerce um papel central na sociedade, modificando a forma como trabalhamos, nos relacionamos e buscamos informações. O presente artigo analisa a influência dos meios de comunicação na formação dos indivíduos, explorando o conceito de Educomunicação. Tal proposta fundamenta-se em uma educação comprometida com o desenvolvimento de sujeitos críticos, capazes de agir no mundo — para que se apropriem dos meios de comunicação e se distanciem do papel de receptor acrítico. Nesse sentido, o conceito de Educomunicação corrobora os argumentos de Paulo Freire, cuja perspectiva também será desenvolvida neste estudo.

Palavras-chave: Educomunicação; emancipação; Paulo Freire; comunicação; mídia.

Abstract

Nowadays, technology plays a central role in society, changing how we work, relate, and seek information. This article analyzes media influence on the formation of individuals, exploring the concept of Educommunication. This proposal is based on an education committed to the development of critical subjects, capable of acting in the world — so that they can appropriate the media and distance themselves from the role of an uncritical receptor. Hence, the concept of Educommunication corroborates Paulo Freire's arguments, whose perspective will also be developed in this study.

Keywords: Educommunication; emancipation; Paulo Freire; communication; media

Resumen

La tecnología ejerce un rol central en la sociedad actual; modifica la forma como trabajamos, nos relacionamos y buscamos información. El presente artículo analiza la influencia de los medios de comunicación en la formación de los individuos, evaluando el concepto de Educomunicación. Esta propuesta se fundamenta en una educación comprometida con el desarrollo de sujetos críticos, capaces de actuar en el mundo — para apropiarse de los medios de comunicación de forma más activa, alejándose del papel de mero receptor acrítico. El concepto de Educomunicación está en consonancia con lo que predica Paulo Freire, cuya perspectiva también será desarrollada en este artículo.

Palabras-clave: educomunicación; emancipación; Paulo Freire; comunicación; medios de comunicación.

1 Introdução

Utilizando o conceito de Educomunicação, o presente artigo analisa o papel dos meios de comunicação na formação dos indivíduos. Nesse sentido, propõe-se a seguinte questão: é

¹ Mestranda do curso Educação Profissional e Tecnológica do PROFEPT/DF, Pós-graduada em Psicopedagogia e Orientação Educacional, Pedagogia e Teóloga. E-mail: beldelavor@gmail.com.

possível um diálogo entre a escola e as mensagens propagadas pela mídia, estabelecendo-se, desta maneira, um vínculo entre os conteúdos veiculados por essas redes de comunicação e o conhecimento formal?

Com o avanço científico, foram estabelecidas novas formas de comunicação entre os indivíduos. Este tipo de conhecimento elucida diferentes aspectos da realidade, sendo os conceitos científicos “como palavras” (HEISENBERG, 1999, p.11); ou seja, através da ciência e da tecnologia, as formas e padrões de comunicação se alteram.

Rubem Alves (2007, p. 97) argumenta que a “[...]ciência é coisa linda, deliciosa, desejável, lugar de conhecimento [...], mas como a maçã, ela tem poder um poder enfeitiçante. À medida que dá conhecimento de um lado, ela retira conhecimento do outro”. O autor afirma, também, que a ciência não é capaz de responder a todas as inquietações humanas, pois “[...] como num espelho: a imagem, dentro do espelho, não é real; é virtual. Mas olhando para o espelho retrovisor do meu carro, vejo o carro que vai me ultrapassar. A imagem virtual corresponde a uma coisa real” (ALVES, 2007, p. 101). Por um lado, a ciência permite que os indivíduos modifiquem sua percepção sobre o mundo; por outro, também pode ludibriar, caso as pessoas depositem nela a solução de todos os seus problemas.

Para Juan E. Días Bordenave (1997), o reconhecimento dos seres humanos como seres sociais fomentou a utilização da ciência para melhor organizar a sociedade. Nesse sentido, a comunicação buscou corresponder às necessidades da vida social. Mesmo assim, o autor questiona se, de fato, os meios de comunicação podem nos auxiliar na tomada de decisões importantes. De acordo com Bordenave, os meios de comunicação priorizaram o poder e o lucro em detrimento da construção de uma sociedade participativa e igualitária. Em vista disso, o presente artigo analisa o papel dos meios de comunicação e sua influência na formação dos indivíduos, explorando o conceito de Educomunicação.

2 Metodologia

O estudo em questão foi desenvolvido a partir da pesquisa bibliográfica. Segundo Marconi e Lakatos (2003), esse tipo de pesquisa objetiva colocar o pesquisador em contato direto com o que foi dito ou escrito sobre determinado assunto. Tal método enseja a consulta às mais variadas referências, como livros, revistas e registros audiovisuais (MARCONI, LAKATOS, 2003).

3 Referencial teórico

Desenvolvido por Ismar Soares (2016), o conceito de Educomunicação objetiva aproximar a comunicação da educação, pois haveria um elo indissociável entre o ato de *comunicar* e o de *educar*. Segundo os representantes dessa proposta, não seria possível falar em educação sem, necessariamente, discutir a questão da comunicação, pois só há processo educativo quando a comunicação é efetiva. De acordo com o autor (2004), a Educomunicação visa integrar as práticas educativas ao estudo sistemático da comunicação, levando os indivíduos a interagirem com esses meios de uma forma construtiva, evitando estratégias de manipulação.

Considerando, portanto, a interseção que a Educomunicação estabelece entre a educação e o processo comunicativo, essa abordagem se aproxima do que defendia o educador Paulo Freire. O autor salienta o ideal de emancipação dos oprimidos, o que não poderia se estabelecer caso os indivíduos não sejam capazes de *dialogar* com os opressores. É através desse diálogo amoroso, “crítico e libertador” (FREIRE, 1987, p. 33), que as pessoas poderão, de fato, se considerar livres.

Deste modo, Freire aponta que a comunicação é capaz de desconstruir estruturas rígidas de desigualdades, nas quais apenas uma das partes detêm o poder. O autor se interessa, sobretudo, pela reflexão que caminha junto à ação, a chamada *práxis*, capaz de superar “o jogo de palavras vazias” (FREIRE, 1987, p. 34) e conduzir as pessoas rumo à verdadeira libertação. Ao mesmo tempo em que Freire destacava o poder libertador da comunicação, também alertava para o perigo de aprisionamento, caso os indivíduos ignorem seu potencial:

[...] se esta crença nos falha, abandonamos a ideia ou não a temos, do diálogo, da reflexão, da comunicação e caímos nos slogans, nos comunicados, nos depósitos, no dirigismo. Esta é uma ameaça contida nas inautênticas adesões à causa da libertação dos homens (FREIRE, 1987, p. 34).

Busca-se, assim, refletir sobre o alcance da tecnologia e dos meios de comunicação no âmbito educacional, especialmente em um contexto marcado pelo distanciamento social. Em vista disso, propõe-se a seguinte questão: de que modo esses veículos de comunicação estão sendo utilizados por educadores para ampliar as oportunidades de sociabilidade e de emancipação dos sujeitos aprendizes?

3.1 Aproximações entre a tecnologia e a educação

Os meios de comunicação exercem uma significativa influência na formação dos indivíduos, que, cada vez mais cedo, interagem com os recursos tecnológicos. Logo, é importante

compreender a maneira pela qual as crianças e jovens vêm construindo essa relação com as mídias.

Beth Carmona (2002) aponta que, no caso da televisão, as crianças brasileiras sempre foram vistas como consumidores, pois os programas produzidos para este público priorizavam interesses comerciais em detrimento de objetivos educacionais ou sociais. Tais programas buscavam falsear uma proximidade com as crianças; frequentemente, os apresentadores se vestiam como palhaços ou utilizavam adereços característicos do universo infantil. Dessa maneira, esse público interagia com uma atmosfera aparentemente feliz, porém, irreal.

Há, entretanto, inúmeros entraves a serem observados quando se considera a relação entre comunicação e educação. Carlos Arnaldo (2002) enfatiza que, em todo o mundo, as crianças passavam mais tempo em frente à televisão do que fazendo dever de casa ou executando outras tarefas diárias; em casos extremos, elas dedicavam mais tempo à televisão do que à escola.

Com o avanço tecnológico, a propagação de informações se ampliou com a fabricação de microcomputadores em larga escala. Conforme Bordenave (1997), a informática pode ser considerada uma “nova ciência”, na medida em que permite o compartilhamento de dados entre pessoas geograficamente muito distantes.

Segundo Guarezi e Matos (2009), a partir de 1960, houve uma expansão da Educação a Distância (EAD). A partir dos anos 90, ocorre uma renovação significativa, e a tecnologia passa a ser considerada uma ferramenta viável na educação, embora seja possível “[...] observar que a educação é por si muito complexa e resistente a mudanças” (GUAREZI; MATOS, 2009, p. 32).

Um argumento que auxilia na compreensão das dificuldades que a educação apresenta na apropriação dos recursos tecnológicos é desenvolvido por Marc Prensky (2001). De acordo com o autor, os estudantes da atualidade são a primeira geração que cresceu com a tecnologia digital (do maternal até a faculdade) — sendo classificados por ele como *nativos digitais*. Por outro lado, aqueles que não possuem a mesma familiaridade com as ferramentas tecnológicas são chamados de *imigrantes digitais*, pois, embora tenham se adaptado a esses recursos, sempre possuem um “certo sotaque”.

Logo, nossos estudantes e seus educadores pertencem a essas duas classes, formadas por *nativos* e *imigrantes*, cenário que impõe uma série de desafios. Além das dificuldades de ordem prática — utilização dos aplicativos e ferramentas tecnológicas pelos professores —, os estudantes devem superar vários percalços, como o acesso limitado a tais recursos, *cyberbullying*, *fake news*, entre outros.

Segundo Jesus Martin-Barbero (2001), a comunicação e a cultura atual representam um campo de disputas políticas. Evidencia-se, assim, a eterna luta entre polos contrapostos: o Estado,

que busca dar estabilidade à ordem constituída, e os cidadãos, que buscam reconhecimento e a manutenção de seus direitos. Neste âmbito, os meios de comunicação representariam uma forma de controle social. Anteriormente, essa atribuição era exercida pela igreja, família e escola; contudo, com as novas tecnologias, estabelece-se uma nova lógica de pertencimento, consumo e sociabilidade.

Rafael Parente (2021) salienta que, em função da pandemia da Covid-19, vivemos uma transformação sem precedentes na esfera tecnológica, responsável por mediar setores como transporte e energia, saúde e, principalmente, educação. Neste âmbito, não se pode ignorar a disparidade existente entre ricos e pobres: “em nosso país, ainda estamos ocupados em dar respostas a desafios básicos que já deveriam estar superados.” (PARENTE, 2021, p. 103). Assim, o autor enfatiza que, nos próximos anos, será preciso investimentos em duas frentes: a ciência, que deverá atender às novas exigências educacionais, e o mercado de trabalho, observando as novas tendências em desenvolvimento. Em vista disso, as habilidades digitais se tornam essenciais na formação dos jovens estudantes.

3.2 Educomunicação como instrumento de emancipação

Zygmunt Bauman (2001) afirmava que a liberdade significa, literalmente, “libertar-se” de algum grilhão, para romper obstáculos ou qualquer óbice aos movimentos pretendidos. Assim, esse objetivo poderá ser atingido de duas formas: reduzindo os desejos ou ampliando a capacidade de ação. Ao propor uma nova relação com as mídias e os recursos tecnológicos, a Educomunicação busca, justamente, ampliar a capacidade dos sujeitos de interagirem com esses elementos de maneira mais consciente. Destarte, é preciso debater o acesso a esses recursos, pois a apropriação dessas ferramentas é essencial para a inserção social. Dourado (2017), ao citar Gómez (2014), argumenta que o ato de “educar o olhar” para a leitura crítica da mídia é o primeiro passo para alcançar a cidadania comunicativa; posteriormente, seria necessário desenvolver a capacidade para a produção, para que o “receptor” se torne “emissor”. Nessa nova configuração, os dois agentes passam a ser participantes e interagem, agora, a partir de um novo conjunto de regras. Surge, então, segundo um argumento apresentado na Revista Comunicar (2014), um novo conceito: o de prossumidor.

As novas configurações dos meios de comunicação têm permitido que o receptor ocupe o lugar de emissor, capacitado para veicular conteúdos e compartilhá-los, condição que deu origem ao conceito de prossumidor (REVISTA COMUNICAR, 2014). Logo, a Educomunicação se revela como uma proposta interdisciplinar autêntica, capaz de romper com a tradicional

estrutura de emissão/recepção dos conteúdos. Desenvolvida por diversos autores — entre eles, o professor do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), Ismar Soares —, a Educomunicação trata da análise dos materiais de comunicação, com vistas a fomentar debates e reflexões que contribuam para o ensino e a cidadania. Ao citar os desafios desse conceito ainda em construção, o autor argumenta que:

A educomunicação é um campo de intervenção social multidisciplinar e multidiscursivo, ou seja, absorve a contribuição de várias ciências. Mas é preciso ficar claro que a universidade não inventou a Educomunicação. Nós apenas nomeamos e sistematizamos uma série de práticas que existiam não apenas no Brasil, mas em vários pontos do mundo inteiro. Os pólos tradicionais do processo comunicativo são a emissão e recepção (SOARES, 2004, p. 265).

Segundo Soares (2004), a Educomunicação reverte a hegemonia do campo da emissão para o da recepção, rompendo com a passividade do receptor, gerando, assim, produção cultural a partir da mediação da tecnologia. Desta forma, aqueles que estão envolvidos com a Educomunicação estarão necessariamente envolvidos com a expressão comunicativa, capazes de: “criar seu próprio universo simbólico, imagético e suas próprias definições de vida” (SOARES, 2004).

Conforme a pesquisadora francesa Gneviève Jacquinot (2010), a escola tradicional e a mídia exercem papéis concorrentes na transmissão da cultura — embora essa divisão não possa ser sustentada por muito tempo. Esta situação ocorre porque, independentemente da vontade dos pais ou pedagogos, os alunos aprenderão conteúdos difundidos pelos meios de comunicação; além disso, estes meios e a própria escola possuem pontos em comum: aquilo que for aprendido em sala de aula poderá contribuir para melhorar a compreensão dos meios e vice-versa.

No Canadá, o debate sobre Educomunicação foi convertido em projeto pedagógico, em que foram definidas diversas premissas para os trabalhos em Educação para a Mídia (VIVARTA, 2004). No projeto, ressalta-se a necessidade de analisar a mídia enquanto um reflexo de ideais presentes na sociedade e não como uma construção externa. Deve-se considerar, individualmente, as formas de interação dos sujeitos com as mídias, pois as pessoas interagem com as mensagens de forma muito particular. Ademais, fatores como demografia, idade e condições socioeconômicas devem ser considerados no debate acerca dos conteúdos propagados pelos meios de comunicação.

Parente (2021) apresenta alguns dados de 2020 que foram compilados pelo Instituto DataSenado acerca dos impactos da pandemia na escolarização da população brasileira. O estudo apontou que 26% dos estudantes da rede pública de ensino não tinham acesso à internet durante o início das aulas remotas. Além disso, 63% dos pais dos estudantes opinaram que a educação

piorou nesse período. Assim, para que a Educomunicação opere de maneira eficiente, é necessário compreender as dimensões sociais, psicológicas e políticas que envolverão a abordagem.

Um aspecto relevante no âmbito da Educomunicação são os chamados Ecossistemas comunicativos. De acordo com Maurício Nascimento Cruz Filho (2017), tais ecossistemas se relacionam com as formas de participação democrática, que objetiva a análise e o debate dos conteúdos e a vinculação dos meios de comunicação. O processo ocorre na microesfera de poder, onde os sujeitos se tornam agentes de cultura. Forma-se, portanto, uma rede ou espaço de troca: os temas debatidos nesses espaços irão nortear tanto a crítica do discurso midiático quanto a produção de conteúdo.

Salienta-se que toda proposta da Educomunicação pode ser implementada a partir da primeira infância, momento no qual muitas crianças já interagem com esses meios cotidianamente. Soares (2021) afirma que as crianças, desde a educação infantil, já estão recebendo diversas informações, verdadeiras ou não; logo, o combate às *fake news* se configura como um dos elementos essenciais da Educomunicação. Segundo o autor, as novas gerações têm o direito de receber informações sob a ótica da verdade e à liberdade de expressão.

3.3 Educação, comunicação e liberdade na visão de Paulo Freire

As contribuições do educador Paulo Freire versavam sobre conceitos como a liberdade, autonomia, curiosidade, amorosidade, estética e o diálogo; por sua luta, o autor foi (e ainda é) perseguido e atacado (SÉRGIO HADDAD, 2019). À frente do cargo de secretário municipal da educação, Freire afirmara, à época: “[...] nós acreditamos na liberdade. Queremos bem a ela” (HADDAD, 2009, p. 202).

O educador almejava uma educação comprometida com a “prática da liberdade”, essencialmente emancipadora e consciente, que visasse superar estruturas opressoras, despertando nos indivíduos a capacidade de pensar por si mesmos e agir no mundo de forma crítica e ética (REVISTA EDUCAÇÃO, 2010).

Freire (2005, p. 90) afirmava que não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra. Assim, existir é pronunciar o mundo para, então, modificá-lo. E se a existência não poderá ser muda, é necessário nutrir-se “de palavras verdadeiras”; logo, tal processo exige que as pessoas se tornem novos “sujeitos pronunciantes”. É o diálogo que propiciará esse novo encontro entre os indivíduos, pois “sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação.” (FREIRE, 2005, p. 96).

De acordo com Soares (2021), as ideias de Paulo Freire corroboram as bases da Educomunicação, pois esta representa um processo comunicativo e libertário. Para Soares (2021), a obra do educador e a Educomunicação nasceram simultaneamente, pois Freire já colocava em prática ações de comunicação alternativa:

O mundo liberal foi contestado por Paulo Freire [...] E no caso, estamos sim, frente a um embate. É um embate dos que pensam a educação, a vida social, a cultura numa perspectiva privatista e celetista e os que estão defendendo uma vida social de maior qualidade para todos (SOARES, 2021 apud LEMOS; LAMIR, 2021, n.p.).

O próprio Freire (1996) reconhecia a dificuldade que as pessoas possuem no ato de debater, e elegeu a escuta como condição *sine qua non* para a comunicação. Segundo ele, o primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é sua capacidade de controlar a necessidade de dizer seu gosto pessoal: “[...] é preciso que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer.” (FREIRE, 1996, p. 131).

Para Freire, a própria capacidade de expressar ideias já é, em si, um processo de emancipação. Logo, a conscientização, na visão de Freire, implica não apenas no reconhecimento da realidade opressora, mas na crença de que é possível alcançar a libertação, na medida em que exista um engajamento para transformar essa realidade (REVISTA EDUCAÇÃO, 2002). Ademais, a ação antidialógica opera através do processo de manipulação; através dela, as massas populares se deixam “conquistar”. O antídoto para esse processo é, justamente, a “[...] organização criticamente consciente” (FREIRE, 2005, p. 99). Tais experiências de comunicação e educação popular, desenvolvidas por Freire a partir de uma perspectiva democrática, são a base de seu método de alfabetização. Nessa visão, o aprendizado se articula com a realidade social dos sujeitos: “uma educação mediada pelo diálogo, em que o educador ensina e aprende, e o educando se educa ensinando.” (HADDAD, 2009, p. 101).

Lima e Oliveira (2013) argumentam que, para Freire, as ideologias se formam a partir da interação entre os indivíduos; assim, a educação não pode ser compreendida fora das relações sociais. Nesse sentido, a comunicação representa o elemento de troca entre os sujeitos, agora compreendidos como iguais. Apesar de seus métodos e posicionamentos terem sido questionados, o educador procurou demonstrar que a escola, como alguns defendem, não pode ser considerada um espaço neutro (HADDAD, 2019), pois essa instituição reflete as ideologias das classes dominantes. Desta maneira, é necessário um posicionamento dos educadores frente a essa realidade: “uma das tarefas fundamentais do educador progressista é, sensível à leitura e à releitura do grupo, provocá-lo bem como estimular a generalização da nova forma de compreensão do contexto.” (FREIRE, 1996, p. 92).

Assim, a reflexão de Freire acerca da comunicação ocupa-se, essencialmente, com a humanização dos sujeitos: “na comunicação popular comunitária, informação não é sinônimo de comunicação.” (LIMA; OLIVEIRA, 2013, p. 7). O processo comunicativo deverá, então, estar amparado por uma base horizontal e participativa, valorizando, sobretudo, os saberes daquela localidade (leitura de mundo). Da mesma maneira que as pessoas aprendem a ler palavras, leem também o mundo, aliás: “[...] a ‘leitura do mundo’ que precede sempre a ‘leitura da palavra.’” (FREIRE, 1996, p. 90).

4 Conclusão

Os indivíduos são seres sociais que possuem a necessidade de se expressar no mundo; logo, não é possível estabelecer relações sem a comunicação. O progresso científico e tecnológico ampliou as possibilidades de comunicação, o que trouxe benefícios importantes. Durante a pandemia de COVID-19, os recursos tecnológicos foram fulcrais para a continuidade do trabalho, da educação, do lazer, entre outras atividades.

Entretanto, existem várias dificuldades. Desde cedo, os jovens estão imersos em um mundo mediado pela tecnologia. Assim, cabe a questão: qual o papel dos educadores diante desse cenário? Durante muito tempo, a educação formal se mostrou resistente à inclusão da tecnologia e dos recursos audiovisuais. Hoje, a presença dessas ferramentas nas escolas é uma certeza.

Diante disso, a formação de docentes para o manuseio desses recursos, as questões éticas subjacentes às mensagens difundidas pelas redes sociais e as desigualdades no acesso à internet por partes dos estudantes se configuram, entre outros, como desafios significativos.

A fim de superar tais entraves, apresentou-se, no presente trabalho, o conceito de Educomunicação. Uma vez que esse conceito busca a reflexão constante acerca dos meios tecnológicos e dos sujeitos envolvidos no processo, acredita-se que essa proposta deve ser discutida. Salienta-se que o ambiente de educação formal não é o único responsável por promover o processo educativo, uma vez que este se estabelece em diferentes contextos — como é o caso das informações vinculadas pelos meios de comunicação.

Considerou-se a importância de se valorizar o meio no qual os sujeitos estão inseridos, uma perspectiva que embasou a prática de Paulo Freire. Desenvolveu-se, assim, um método pautado pelo diálogo, permitindo que as pessoas se expressem de uma maneira autêntica e amorosa.

Estabelece-se, assim, uma evidente associação entre a proposta de Freire e os pressupostos da Educomunicação: propiciar aos sujeitos que se expressem com a maior autonomia possível. Ressalta-se que esse processo nem sempre ocorre de maneira espontânea

por conta das limitações impostas por modelos de comunicação rígidos e opressores. O despertar da consciência desse sistema é o elemento propulsor de toda transformação.

A mediação da cultura pela tecnologia é um fenômeno fulcral no atual momento histórico. Procurou-se demonstrar que não há ganhos sem perdas ou avanços sem retrocessos. Simultaneamente, os meios de comunicação podem aproximar pessoas muito distantes e propagar uma série de notícias falsas, promovendo o ódio e uma cultura de intolerância e “cancelamento”. Evidencia-se, então, que o debate acerca dos recursos digitais e dos meios de comunicação deverão equalizar conhecimento técnico e a dimensão ética.

Referências

ALMEIDA, Cleomar (org.). **Educação: presente! E o futuro?** Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2021.

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BORDENAVE, Juan E. Días. **O que é comunicação.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1997. Coleção Primeiros Passos

CARLSSON, Ulla, FEITITZEN Cecilia von (org.). **A criança e a mídia: imagem, educação, participação.** São Paulo: Cortez, 2002.

EDUCAÇÃO, Revista. **História da Pedagogia.** São Paulo: Editora Segmento, 2010. v. 4.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUAREZI, Rita de Cássia Menegaz; MATOS, Márcia Maria. **Educação a distância sem segredos.** Curitiba: Editora Ibpe, 2009.

HADDAD, Sérgio. **Um perfil de Paulo Freire.** São Paulo: Todavia, 2019.

HRISENBER, Werner. **Física e Filosofia.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

JESÚS, Martin-Barbero. **Dos Meios às mediações.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

KUNSCH, Margarida Maria KROHLING, FISCHMANN, Roseli (org.). **Mídia e tolerância: A ciência construindo caminhos de liberdade.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LAGO, Claudia, VIANA, Claudemi (org.). **Educomunicação: Caminhos da sociedade midiática pelos direitos humanos.** São Paulo: ABPEducom;NCE-USP;Universidade Anhembi Morumbi, 2015.

LEMOS, Mariana; LAMIR, Daniel. Paulo Freire e a Educomunicação nasceram simultaneamente. **Brasil de fato**, São Paulo, 20 set. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/20/paulo-freire-e-a-educomunicacao-nasceram-simultaneamente-afirma-o-professor-ismar-soares>. Acesso em: 9 abr. 2022.

LIMA, Marcelo Fernando; OLIVEIRA, Eliane Basílio. As contribuições de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin para a educomunicação. **Revista Temática**, [S.l.], ano 9, n. 2, fev. 2013.

PRESNKY, Marc. **Nativos digitais, Imigrantes Digitais**. University Press; NBC, 2001.

PROSUMIDORES mediáticos Cultura participativa de las audiencias y responsabilidad de los médios. **Revista Comunicar**, [S.l.], v. 22, n. 43, jul. 2014. Disponível em: <https://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=revista&numero=43>. Acesso em: 11 jul. 2022.

SOARES, Ismar. Campo da Intervenção Social. *In*: VIVARTA, Veet (coord.) **Remoto controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes**. São Paulo: Cortez, 2004.

VIVARTA, Veet (coord.) **Remoto controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes**. São Paulo: Cortez, 2004.

XAVIER, Jurema Brasil; VIANA, Claudemir Edson; SOARES, Ismar de Oliveira (org.) **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. São Paulo: ABPEducom, 2017

ZYGMUNT, Barman. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.